ETNIA, HISTÓRIA E COLABORAÇÃO EM UMA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES ¹

CARVALHO, Alessandro da Silva ²

RESUMO:

O presente estudo analisa a relação entre etnia, história e colaboração em uma formação continuada de professores indígenas e não indígenas, no ciclo de 2011b – 2012a, sob uma perspectiva metodológica qualitativa, com encontros presenciais e virtuais e suas respectivas interfaces de comunicação. Nesta pesquisa, discutimos, no primeiro momento, a origem da internet e as contribuições de vários autores na construção de sua configuração que se dá no período pós-guerra mundial, dos anos 1960 até os dias atuais. Em seguida, refletimos como as tecnologias de informação e comunicação (TIC) mudaram e mudam nosso jeito de socializar, requerendo novos olhares no contexto educacional, mais especificamente, na formação docente. Por fim, apresentamos os dados coletados no Facebook e Ning, com a participação dos professores da etnia Terena e Kaiowá e não indígenas em um diálogo pautado na interculturalidade, em que as TIC podem contribuir na própria disseminação dos saberes tradicionais. Reafirmando e valorizando sua identidade étnica.

Palavras-chave: Internet e redes sociais. Formação continuada e as TIC. Etnia.

INTRODUÇÃO

Desde o primeiro semestre de 2011 estou inserido no GETED (Grupo de Pesquisa e Estudos em Tecnologia Educacional e Educação a Distância), que tem como objeto estudar e analisar o uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no ambiente educacional.

Minha expectativa ao entrar no grupo foi à possibilidade de discutir e problematizar questões referentes à inserção das TIC no contexto educacional. Nesta era da digitalização, estamos diante de uma realidade tecnológica a qual justifica nosso interesse de investigação.

Acreditamos que a apropriação das TIC no contexto educacional não como uma “roupagem” nova de uma educação formalista, mas como uma "poderosa" ferramenta para

¹ A presente produção acadêmica é fruto da pesquisa que ocorreu no ciclo de 2011 a 2012 vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

² Acadêmico do Curso de História da Universidade Católica Dom Bosco. E que conta com o apoio da Universidade Católica Dom Bosco, sem qual não seria possível à realização do presente artigo. E-mail: alessandro1988@hotmail.com. É necessário também mencionar agradecimentos a profa. orientadora Dra. Maria Cristina Lima Paniago Lopes pelas valiosas contribuições na confecção da produção.

potencializar a construção de saberes, usufruindo o que elas têm melhor em prol de um futuro com homens e mulheres emancipados intelectualmente, com uma aguçada criticidade, enfim, sonhando com uma sociedade do "amanhã" bem melhor do que o cenário que temos em nossa realidade.

A partir do segundo semestre de 2011, iniciei o projeto de iniciação científica tendo como plano de trabalho “O uso das redes sociais para veiculação e produção de pesquisas históricas coloniais”, com o objetivo de relacionar história, educação, etnia e TIC.

O contexto da pesquisa se deu em um contexto de formação continuada mediada pelas redes sociais: ning e facebook. Nestes ambientes, houve interação entre professores indígenas e não indígenas, de etnias, formações, vivências, contextos e olhares diferentes, dos municípios de Aquidauana e Campo Grande do Estado do Mato Grosso do Sul.

A proposta da formação continuada vai ao encontro de Franco (2010) quando discute sobre “inteligência coletiva” que a falta de determinado conhecimento, é superado quando interajo com o outro, suprimindo essa lacuna. Sem uma comunicação hierarquizada, vertical, mas, pelo contrário, de forma horizontal, através da construção do conhecimento. Tal proposta objetivou trabalhar em colaboração com os professores indígenas e não indígenas, sobre dificuldades, limitações e familiarização com as TIC, redes sociais e interfaces tecnológicas no ambiente educacional.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro momento, apresentamos um breve histórico da internet e das novas tecnologias, evidenciando o impacto que elas causam na comunicação da sociedade contemporânea, possibilitando novas formas de diálogo.

Em segundo momento, contextualizamos a inserção das tecnologias no contexto educacional, com base em fundamentação teórica que foca as topologias de redes e as práticas docentes.

Por último, analisamos os dados colhidos durante o período da pesquisa que ocorreu de 2011b a 2012a, sem a pretensão de esgotar as possibilidades de problematização dos temas aqui referidos, mas uma contribuição à teoria já existente. Procuramos relacionar as categorias teóricas: educação, etnia, história e TIC.

1. BREVE HISTÓRICO DA INTERNET E AS NOVAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO

Toda nova tecnologia desenvolvida historicamente por homens e mulheres, foi forjada de uma necessidade emergente, dando uma resposta às próprias limitações físicas. Ao

se falar de internet e todos seus desdobramentos que surgiram conseqüentemente. É preciso compreender que foi um processo gestado, que se originou com outras finalidades, são elementos históricos recentes, mas apesar deste pouco tempo já atingiram uma grande massa da população mundial em um crescimento enorme desde o século XX.

A internet tem sua origem com a finalidade do Governo dos Estados Unidos proteger seus documentos em uma descentralização dos seus dados no período da Guerra Fria na década de 1960, onde teve um grande avanço tecnológico. Como conforme Dyson sintetiza sobre a origem deste universo digital, como ele coloca em entrevista para Revista Galileu.

Algumas culturas humanas acreditam que a vida veio do céu, enquanto outras creem que ela emergiu da terra. Acho que o mundo digital tem elementos de ambas as ideias. O código digital pode ser visto como algo que caiu do céu, do mundo de pura lógica, mas ele só se tornou real quando foi implementado em máquinas --que, de certa forma, vieram da lama, porque os equipamentos que serviram como base para isso eram resquícios da Segunda Guerra Mundial. Eles foram a lama da qual o mundo digital emergiu.

Mesmo seu “nascimento” foi cercado por um século com constantes conflitos bélicos, até sua própria criação emergir de estratégias militares, com contribuições de “fruto do trabalho de instituições governamentais, grandes universidades e centros de investigação” (CASTELLS, 2004, p.39).

Esta tecnologia foi construída por muitas “mãos” ao longo do recorte temporal de 1960 aos dias atuais, foi fomentada por muitas ideias, diversos contextos, uma explosão tecnológica de acelerado crescimento.

Em um processo que Castells coloca como “o carácter aberto da arquitetura da Internet constitui a sua principal força. O seu desenvolvimento auto-evolutivo permitiu que os utilizadores se convertessem em produtores de tecnologia e em configuradores de rede” (Idem, p. 45-6). Conforme Franco (2010), que reforça que a internet representa pessoas interativas e por isso sua topologia é distribuída.

Mas, logo se espalhou esta tecnologia interligada às faculdades e depois aberta ao domínio público em um processo multiplicador de escala mundial. Se tornando “[...] o tecido das nossas vidas” (Ibid, p.15). E as nossas relações sociais foram transformadas em curto período temporal através deste meio de comunicação que se tornaria e se tornou o mais abrangente que já foi desenvolvido pelo homem.

Neste contexto surge a WWW (World Wide Web), criada por Tim Berners-Lee, físico britânico, cientista da computação e professor da MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) na década de 1990, proporcionando uma “nova roupagem” da internet de

forma mais atrativa aos usuários da rede, que a tornou a mais abrangente mundialmente com a WWW (Ibid, p. 31).

A partir dos anos 90, a internet teve sua grande ascensão com as contribuições de Tim Berners-Lee, a sua arquitetura aberta, dinamicidade, melhorias tecnológicas. Segundo Michael G. Moore e Greg Kearsley (2008, p.46) “Foi estimado que em 1992 a web continha somente 50 páginas, porém em 2000, o número de páginas havia aumentado para pelo menos 1 bilhão”.

Com esse crescimento avassalador, no início do século XXI, temos as mudanças nas formas de comunicação de modo mais contundente no espaço digital.

Inicia-se a web 2.0 criada em 2004, uma nova era na internet onde o diálogo agora é mediado por estes espaços virtuais. Entretanto, Castells aponta que “de facto, a exclusão destas redes é uma das formas de exclusão mais grave que se pode sofrer na nossa economia e na nossa cultura” (Ibid, p.17).

Com base nesta fala, fica evidente que ficar ausente deste processo, acarreta automaticamente uma exclusão de uma sociedade em processo de digitalização. Assim, justifica-se a importância deste projeto. De compreender uma proposta de formação continuada de professores mediada pelas novas tecnologias, mais especificamente pela internet e as suas redes sociais.

Em se falando de redes, Recuero (2009) apresenta alguma delas e seus respectivos criadores: Fotolog (2002, Scott Heiferman e Adam Seifer), Flickr (2004, desenvolvido por uma companhia canadense denominado Ludicorp), Facebook (2004, Mark Zuckerberg), MySpace (2003), Friendster, Twitter (2006, Jack Dorsey, Biz Stone e Evan Willians), Plurk (2008) e também cito a rede Ning ³“que é uma rede social digital privada e adquirida por meios financeiros, foi co-fundada em outubro de 2004, pelo então presidente Marc Andreessen e adquirida pela media Glam em dezembro de 2011”.

Podemos evidenciar em relação a todos estes fatos históricos, que a forma de comunicação foi alterada. De acordo com Castells (Ibid, p.19):

A comunicação consciente (a linguagem humana) é o que determina a especificidade biológica da espécie humana. Como a actividade humana está baseada na comunicação e a internet transforma o modo como comunicamos, as nossas vidas vêm-se profundamente afectadas por esta nova tecnologia de comunicação.

³ Frase retirada do site: <http://br.ning.com/> em 03 de julho de 2012.

Neste sentido, a proposta desta formação continuada de professores vai ao encontro da perspectiva de comunicação, de interação, de participação efetiva, de protagonismo. O processo de formação visa oportunizar a estes professores um contato com as TIC, mas não delimitando o que tem que fazer ou não, mas em parceria e cooperação, ensino e aprendizado por múltiplos caminhos, criando condições de um aprendizado regido pela curiosidade e autonomia, não somente a incorporação de novos aplicativos tecnológicos, ditos como inovadores, solucionadores dos problemas dos docentes, mas sim como novos agregadores ao cotidiano dos educadores, como recursos em aulas construtivas, em que professor e aluno se encontram no mesmo plano, como parceiros na construção do conhecimento.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: EDUCAÇÃO E AS NOVAS TECNOLOGIAS

Conforme Franco (2010), “Redes são as pessoas interagindo, não as ferramentas”. Esta formação continuada vai ao encontro de uma topologia distribuída e de interação, e não já pré-determinada de forma imperativa aos professores envolvidos no projeto como se fossem ser “capacitados” em informática, mas sim um olhar diferente. O processo não está no método, mas consiste na satisfação naquilo que contribuímos e produzimos nestes ambientes virtuais.

Segundo Franco (2010), utilizando os diagramas de Paul Baran (1964), há três tipos de redes: centralizada, descentralizada e distribuída.

A Topologia centralizada nos mostra que em uma organização há um só centro, hierárquica, ou seja, não há a interação entre os componentes de tal organização, pois há muitas “barreiras” se interpondo nessa socialização, submetendo os sujeitos ao papel de passivos e inertes no processo. Poderíamos citar um estado totalitário, onde se cria muitas interposições nos contrapontos discordantes de seus cidadãos em relação ao poder do Governo.

O segundo tipo de topologia apresentado por Franco é a descentralizada, que nas palavras dele seria “ são vários centros”, ou seja, não quer dizer que há uma estrutura democrática no diálogo, mas que se cria múltiplos centros, gerando vários obstáculos na comunicação, não proporcionando o livre trânsito dos indivíduos em suas interações, mas limitando-o e estreitando.

E, por último, o que mais enfatiza Franco é a distribuída, que ele aponta, dizendo que “Quanto mais conectado, mais distribuído, menor o mundo, mais poderoso em termos

sociais”, o que dá condições no livre contato entre os participantes, onde não necessita de mediadores, líderes e etc, que coloquem estratificações no diálogo.

É nesta perspectiva de colaboração, que temos objetivo maior neste projeto, sem superiores ou inferiores no processo, mas trocas de vivências - saberes diferentes, fomentados na construção do conhecimento. Franco (2010) que define este tipo de interação como:

Inteligência coletiva: se eu tenho uma rede, muitas conexões, e tudo que essas pessoas sabem e a relação entre elas, é que gera mais conhecimento e conhecimento é sempre relação social. Não é um conteúdo que você transfira. Tudo isso é meu conhecimento também, porque eu estou conectado também.

E nas falas deste estudioso em redes que confirmamos a necessidade dos professores indígenas e não indígenas, em estarem em contato com as novas tecnologias (TIC), corroborando a sua formação como docente, não simplesmente uma formação continuada que esteja engessada em ser apresentar as TIC como uma forma de funcionalidade ,ou seja, apenas saber como usar de forma mecânica, mas mostrar um caminho novo e com (re)descobertas no ato da docência.

O alcance que as TIC proporcionam e a transposição de limite espaço-tempo entre os sujeitos, podem colocar seus participantes em constante aproximação. O contato que antes restringia ao presencial, que tornava o momento do aprender entre professor e aluno recluso a quatro paredes, agora é ultrapassando estas fronteiras antes estabelecidas.

Rubem Alves (2001) afirma que os “conhecimentos estão soltos por aí”, e muitos mais agora que são difundidos pela internet. Ele, como educador, não tinha como proposta recheiar seus educando com seus conhecimentos, mas sim estimular os jovens e crianças a querer aprender, criando espantos intelectuais, aguçando curiosidades nos pequenos por buscar prazer nos saberes, enfim, tornar o momento do aprender prazeroso, não um fardo insuportável a ser carregado. Acreditamos que as novas tecnologias podem potencializar as aulas, começando no meio físico e continuando no meio virtual sem hora para se encerrar.

Os momentos de aprender devem ser explorados, o do ensinar, aguçados pelos professores, criando um ambiente harmônico de saberes, onde este aprender se torna “doce”, agradável, uma educação de qualidade. Porém, há dificuldades, como o arrocho salarial, estrutura precária nas escolas, falta de disciplina dos jovens, falta de apoio do município, Estado e em âmbito federal, onde o PIB é pouco aplicado na educação.

Conforme Rubem Alves, “educador não é uma profissão, mas uma vocação” (1988, p.11). E esta vocação que nasce a partir de nossas decisões em seguir este caminho que

é longo, estreito, cercado de intempéries que entram em cena na vida do docente a cada novo dia, mas tão prazeroso, pode participar efetivamente na história de vida, contribuir para mudanças, gerar inspirações naqueles sem expectativa, ser marco influenciador nas crianças e jovens.

Em âmbito nacional, vivemos em uma sociedade cercada de injustiças, em que determinismos pessimistas sobre a educação brotam como fadada à falência. Mas, temos a esperança, com base em Rubem Alves e Paulo Freire (2011), a educação é uma força propulsora capaz de transformar vidas, por isso a “vocação” de educador que citou Alves é algo tão majestoso e único.

Conforme Souza et al: “[...]construção do ser professor ocorre dentro das necessidades e das exigências sociais atuais” (2012, p.29). E como já foi dito neste trabalho, não podemos ignorar as tecnologias em nossas formações como educadores.

Como pontua Kenski (1999, p.38):

Esses enfrentamentos não significam a adesão incondicional ou a oposição radical a ambiente eletrônico, mas, ao contrário, significa criticamente conhecê-los para saber de suas vantagens e desvantagens; de seus riscos e possibilidades; para transformá-los em ferramentas e parceiros em alguns momentos, e dispensá-los em outros instantes.

As novas tecnologias não têm todas as soluções para os problemas da esfera educacional, pois apenas destacar o valor das tecnologias, como simplesmente um discurso recheado de engrandecimentos, seguindo os ditos da globalização, sem ter uma consciência crítica e reflexiva do por que e para quê usar, nada mais é do que ser “moderno” com um pensamento preso em uma falsa ilusão e alienação digital.

E neste viés digital, como reforça Dyson, estamos inseridos em um “universo digital”. Hoje, há uma representação digital em todas as atividades que fazemos e a educação está inclusa neste processo de digitalização e se faz necessário se adaptar ao contexto.

3. FORMAÇÃO CONTINUADA: ETNIA E COLABORAÇÃO

Iniciamos este último item do presente estudo, com algumas perguntas, qual é o espaço que as TIC precisam e devem ocupar na formação de um educador? E qual sua relação entre etnia, educação e história?

Talvez um novo mundo para os professores, um novo mundo que traz medos, insegurança, inquietações, desespero por ainda não ter ainda familiaridade, sendo imigrantes digitais, mundo recém-descoberto, a partir das necessidades emergentes, tentando aprender

freneticamente para usar estes ditos conhecimentos “inovadores” que vêm de uma terra “nova”.

Este universo virtual sem começo e fim, com uma infinidade de informações, que só tendem a crescer mais em escala multiplicadora, nesta sociedade do espetáculo mediático, onde o virtualizado tende a ficar mais real.

O ciclo deste projeto começou com um olhar, que é possibilitar na comunhão com o outro, compreender que as diferenças nos tornam iguais, mas não a igualdade em sentido homogêneo e etnocêntrico, onde há só um pensamento, crença e valores. Mas esta igualdade esta em nossas diferenças.

E como uma proposta de colaboração pautada no diálogo, ora presencial e mais enfaticamente por meio das redes sociais, visando essa inter-relação entre os grupos participantes, que justamente esta diversidade cultural enriquece com a pluralidade de saberes e as suas trocas. A importância no contato intercultural é resultar em novas “lentes” para o olhar em relação ao “diferente”.

Como aponta o Antropólogo Marín (2009, p.141) “Reconhecer que os “outros” também possuem conhecimentos é admitir o valor e a pertinência de suas culturas, além de outorgar-lhes uma posição de interlocutores”.

E o mesmo autor reforça dizendo que “[...] não somente de respeito à diversidade, mas, principalmente, de aproveitar a riqueza da diversidade nas culturas...” (Ibid, p.128).

3.1 PERCURSOS DA PESQUISA

A seguir falaremos dos passos que teve a pesquisa durante o segundo semestre de 2011 até o final do primeiro semestre de 2012.

Ao longo do percurso deste ciclo tivemos várias reuniões do grupo de pesquisadores como foco nas ações e fundamentação nos teóricos, no presente trabalho apresenta alguns desses que estudamos.

Houve três oficinas mediadas pelas plataformas Ning e Facebook, de outubro de 2011 a maio de 2012, com o foco na inserção dos professores em um processo de digitalização, pois antes do dado momento, eles não tinham contato com as tecnologias de uma forma mais crítica e prática.

Os recursos de ambos as redes sociais digitais são: blog, bate-papo, Fórum, email, espaço para armazenagem de vídeos e fotos, painel de postagem de novos comentários, fotos, vídeos, textos, ou seja, dois espaços muito ricos para o compartilhamento e interação.

Percebemos nitidamente nos três contatos que tivemos, ocorridos durante o ciclo, o primeiro na Escola Municipal Rondon do distrito de Taunay no município de Aquidauana/MS em 7 de outubro de 2011, o segundo que foi em Campo Grande/MS no dia 5 de novembro de 2011 e o último em 4 de maio de 2012, que o grupo de docentes tinham pouco contato com as tecnologias.

Mas podemos apontar que esta pouca familiaridade esta ligada às próprias limitações da estrutura da sala de tecnologias da escola e ao próprio contexto, que não proporcionam possibilidades aos docentes no uso diário.

Em um questionário semi-aberto proposto na segunda oficina ocorreu em uma sala do Laboratório de Informática de uma Universidade Particular, tornou-se claro que os professores Indígenas (etnia Terena e Kaiowá) em relação aos professores que residem na área urbana de Aquidauana, têm menos acesso diário e prática relacionadas às TIC.

Dos 13 que participaram da oficina e do questionário, 8 responderam que têm formação superior ou pós-graduação completa, 3 superior incompleto, 2 ensino médio completo. 8 da etnia Terena, 1 da etnia Kaiowá e 4 não indígenas com uma faixa etária que varia dos 15-40 anos, sendo 10 mulheres e 3 homens.

Ao analisar os dados colhidos sobre a utilização da internet, word ou writer, power point ou impress, editor de imagens, editor de vídeos, editor de audio/podcasts, editor de apresentações, softwares de criação em geral, acesso a videos. Os professores evidenciaram pouco ou médio domínio ou mesmo pouco conhecimento e familiaridade.

Em relação ao uso específico da internet, como: troca de mensagem de email, leitura de notícias e novidades, compras, bate-papo, pesquisa/busca de informações, consulta de banco e contas, fóruns e em sua própria formação docente, também foram evidenciados resultados de que os professores continuam com pouca familiaridade devido ao pouco uso.

Em relação ao uso no contexto de sala de aula, foi comentado a dificuldade do suporte tecnológico que é oferecido à escola, ou seja, muito escasso e com poucos monitores.

E vale salientar que, em uma das oficinas, a atividade desenvolvida foi com base em um livro intitulado “Mas será que nasceria a macieira?” de Alê Abreu e Priscilla Kellen.

Este momento foi muito afetivo e repleto de emoções, pois todos participaram efetivamente, expressando suas experiências de vida e compartilhando momentos significativos de suas vidas. Isto aproximou o grupo, evidenciando suas semelhanças e diferenças.

É preciso deixar claro que a presente pesquisa de formação continuada não está engajada para simplesmente ser um “curso de informática”. Com destaca Giraffa (2012, p.31)

“temos de destacar o papel do professor acima da ferramenta”, ou seja a tecnologia instrumental jamais superará a tecnologia humana.

De acordo com Giraffa (Ibid, p.31).

Ele não precisa dominar as tecnologias da forma como seus alunos o fazem, mas certamente precisa saber que elas existem como funcionam, suas potencialidades, apropriar-se delas em algum grau e formar um vínculo de parceria com sua turma de estudantes. Ou seja, ele deve mudar a forma como vai se comunicar com seus alunos. Ele deve usar a linguagem e os meios que seus estudantes usam.

Esta nova postura incorporada ou em processo de incorporação no meio docente, que os próprios professores apontaram em nossa terceira oficina que é vista como algo traz receios, curiosidades, medo e ansiedades.

A formação mediada pelas TIC pode ser um espaço de aproximar mesmo longe em tempo e espaço, através deste canal de comunicação, encontro de culturas distintas, compreendendo o outro no seu ritmo de aprendizagem, no modo como olha as TIC, em um diálogo não linear e verticalizado, mas uma troca de experiências, sentimentos, conhecimentos não limitados por um sistema que engessa.

Abaixo algumas ⁴falas dos participantes envolvidos na pesquisa.

São essenciais na formação dos alunos, porém, temos que mostrá-los a eles o verdadeiro objetivo, ou seja, o foco que é a aprendizagem. Para tanto, devemos orientá-los sobre os benefícios da tecnologia, mas por outro lado, alertar sobre os aspectos negativos.
Professor A

É uma iniciativa muito o plausível de todos que estão participando, como foi dito, estamos aqui para ensinar e aprender com todos. É sempre para buscar novos conhecimento.
Professor B

Sou professora do ensino fundamental, formada em geografia, trabalho na Aldeia Bananal, moro na cidade de Aquidauana, levanto todos os dias de madrugada para dar aula. É muito cansativo, mas é uma profissão que escolhi de coração, gosto de saber que devo me esforçar o Maximo para que meus alunos aprendam tudo e mais um pouco.
Professor C

Esta formação continuada tomou vida não em um sentido linear, mas um elo que pode proporcionar possibilidades, uma troca de saberes. Esta formação continuada em tão pouco tempo, não teve a pretensão ser a solução dos problemas para este professores indígenas e não indígenas, pois proposta aqui presente não é mostrar um método correto para educador, atalhos fáceis para o ato de ensino.

⁴ Os excertos foram copiados iguais aos originais em todas as falas neste artigo.

Acreditamos que a educação poderia e pode ser diferente de sistemas tradicionais e estáticos, que enclausuram mentes, reprodutores de informações. Com as TIC, enxergamos novas possibilidades e novos caminhos na formação docente e, conseqüentemente, na construção de pessoas mais conscientes, críticas e participativas. Em um processo de contínua construção, como lembra Freire (2011), “somos inacabados”.

3.2 COLABORAÇÃO EM UM VIÉS PLURIÉTNICO

Uma construção que vai ao encontro de uma relação pluriétnica e relaciona-se com a categoria teórica da interculturalidade.

Reforçando com as palavras de Fleuri (2003, p.17).

Por sua vez, o adjetivo “intercultural” tem sido utilizado para indicar realidades e perspectivas incongruentes entre si: há quem produz ao significado de relação entre grupos “folclóricos”; há quem amplia o conceito de interculturalidade de modo a compreender o “diferente” que caracteriza a singularidade e a irrepitibilidade de cada sujeito humano; há ainda quem considera interculturalidade como sinônimo de “mestiçagem”.

E o próprio termo da interculturalidade carrega uma diversidade conceitual, como pontua Fleuri (2003). Mas esta palavra vem de encontro com o viés que propõe esta formação continuada entre indígenas e não indígenas. Kreutz (1998, p.102) afirma que “A interculturalidade não é entendida como a incorporação do outro no próprio. É a transformação do próprio e do alheio, tendo como base a interação com vistas à criação de um espaço comum compartilhado e determinado pela convivência”.

Este projeto que é composto por um mosaico de diversidades culturais ou um quadro multicultural de (não indígenas e indígenas das etnias terenas e kaiowás). Etnia é entendida por Hall “A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” – que são partilhadas por um povo” (2005, p. 62).

E esta formação continuada, parte de um viés que propõe sujeitos ativos e protagonistas no processo onde o ambiente virtual é o meio de intercâmbio cultural. Sendo que as novas tecnologias podem reafirmar, valorizar e difundir sua identidade étnica.

Em algumas postagens nos ambientes virtuais evidencia esta afirmativa, segue abaixo:

Hoje dia 07 de agosto de 2012, acontecia nas dependências da Escola Municipal Indígena Pólo "General Rondon", as 19h00, curso de Capacitação de professores Indígenas sobre a Língua Terena, com a parceria da Universidade Federal/MS campus de Aquidauana e Escola Municipal, sendo que há mto tempo isso faz se necessário acontecer, saber o valor que tem a Língua Materna em cada comunidade, independente de etnia [...]A aula de hoje foi de mta importância, onde descobrimos algo mto interessante e novo pra nós, diria que é novo, mas são palavras "antigas " da Língua Terena, quero dizer palavras que os anciões usavam no seu cotidiano e hoje não se usa mais por mtas pessoas jovens, uma descoberta interessante. Segundo o prof. Paulo Baltazar entrando em contato com uma das pessoas conhecidas da Nossa Saudosa Prof. Bete e Nancy, descobriu que guardara material confeccionada pelas Linguistas no ano de 1969, um dicionário na Língua Terena mas que é traduzido em Inglês, não em Português, um material mto interessante, onde ali, havia palavras que desconhecíamos como por exemplo: ahéupoxoti significa vagem, ákape significa concha, álunoe significa menina-moça, âile significa vestido da menina e mtas outras palavras, percebemos algo como o uso de dois H no som de 2r como: kahha'á, ahhá'a e que hoje essas palavras é escrita com um h, apesar de ser pronunciado como 2r, percebeu-se que ao longo desses anos a língua materna Terena ocorreram várias mudanças e até a ser Porterena, digo uma mistura de português e terena. Momentos como esses que precisamos para dar o prosseguimento e fortalecimento da língua e niguem fará isso por nós, se não valorizarmos as nossas raízes, as nossas histórias e orgulharmos do que somos, "diferentes" mas não "inferior", apenas pessoas de culturas diferentes, mas que nos torna capazes de alcançar os objetivos voltada a nossa comunidade, que são as nossas "kalivôno Kopénoti. Professor D

Uma curso de aperfeiçoamento, mas que também não deixa de ser uma formação continuada, pois o que esta havendo são troca de ideias, conhecimentos e principalmente cultural. Professor E

E reforçado por estas falas, que o papel das TIC, neste contexto atual assume um papel importante na própria disseminação e até resgatando conhecimentos tradicionais. Esta afirmativa não vem concluir que somente por meios digitais, que é possível esta circulação, mas é um dos meios que ocupa espaço cada vez mais.

As TIC vêm a ser uma importante ferramenta, em um diálogo dos saberes tradicionais com os saberes tecnológicos, que possibilita a circulação destes conhecimentos e aproximar seus parentes indígenas, de diversas etnias, que se encontram, em diversos pontos do Brasil. Urquiza (2011, p.337) aponta que “Na atualidade, essa diversidade se expressa pela presença de mais de 280 povos indígenas distintos, habitando centenas de aldeias localizadas em praticamente todos os estados da Federação”.

Mas, estes dados ainda não evidenciam no campo teórico de pesquisa sobre etnia, uma grande quantidade de material sobre a temática disponível na internet. Em uma pesquisa realizada no mês de agosto, com as palavras-chave: história, etnia e educação, por meio dos sites de acervo eletrônico: scielo, portal de periódicos e o diretório dos grupos de pesquisa no Brasil.

Os resultados obtidos evidenciam poucas publicações e grupos com enfoque em etnia, e em relação às categóricas teóricas educação e história tem um número de resultados

bem maior. Se configurando como contraditório em relação ao que apresenta Aguilera, esta diversidade cultural ainda não é contemplada de forma mais latente no campo de pesquisas.

Outro dado relevante a ser citado, é que nestas bibliotecas virtuais suas publicações são em geral de artigos com no máximo 20 anos de publicação, que como citei no primeiro tópico deste trabalho, foi quando a internet teve sua grande ascensão.

Por fim, menciono que as formas de dominação presente historicamente, foi uma forma de imposição de cultura sobre a outra, justificando com ideais de superioridade biológica, intelectuais e religiosos. Kreutz (1998) coloca que a Europa se baseou em dois pilares para justificar sua suposta superioridade, que são: um povo divino que foi eleito por Deus, com base na Bíblia e sua racionalidade científica.

E com estes argumentos temos presentes no período da conquista e colonização na America, várias formas de imposições, dominações, colonização, aculturamentos. A apropriação das TIC tem que ser de forma crítica e mediada por este diálogo entre os saberes tradicionais e tecnológicos. Uma apropriarmos de forma consciente e não ao contrário. Se não, poderíamos apontar como uma nova forma de colonização, em uma versão digital? Mas não é este viés do projeto, mas valorizar os elementos constitutivos culturais dos sujeitos, valorizando nas trocas por múltiplos caminhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos nesta pesquisa evidenciam que a internet e as redes sociais foram um processo fomentado por vários autores em sua criação e aperfeiçoamento durante um período histórico recente, trouxeram significativas transformações em nosso modo de socializar, justificando assim para o contexto atual no ambiente educacional, mudanças de postura na formação dos educadores, não podendo ser mais ignorada, sendo necessário se adaptar a essa nova realidade.

Esta formação continuada vem ao encontro a este viés, com uma perspectiva de oportunizar em colaboração com docentes participantes do projeto, não simplesmente um “curso de informática”, mas apontar como as novas tecnologias, são recursos importantes e indispensáveis, tanto no próprio contexto educacional quanto na própria vivência na era digital.

E levando em consideração que o grupo é composto por etnias, vivências, contextos e saberes diferentes, entre indígenas e não indígenas, valorizando seus saberes

tradicionais. E como as TIC podem contribuir no sentido de disseminação, valorização e reafirmação da própria identidade cultural dos professores participantes.

Em uma relação intercultural, como aponta Fleuri “[...] respeitar as diferenças e integrá-las em unidade que não as anule” (2003, p. 17). E nesta perspectiva de colaboração que o projeto ocorreu, um diálogo entre estes saberes com os tecnológicos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1980.
- _____. *Entre a ciência e a sapiência: O dilema da educação*. 5. ed. São Paulo, Loyola, 2001.
- CASTELLS, Manuel; ESPANHA, Rita; CARDOSO, Gustavo Leitão; OLIVEIRA, José Manuel Paquete de (Trad.) *A galáxia internet: reflexões sobre internet, negócios e sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. *Revista brasileira de educação*, n.23, maio/ago, p. 16-35, 2003. Disponível em <www.scielo.br> Acesso em 14 de Set. de 2011.
- FRANCO, Augusto de. *Redes Sociais (Vídeo)*. Rio de Janeiro. 2010. Vídeo. 2 h, 7 min e 19'. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=bNJQIFGjYEY>> Acesso em 23 de Julho de 2012.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GIRAFFA, Lucia Maria Martins. Docentes analógicos e alunos da geração digital: desafios e possibilidades na escola do século XXI. In: GIRAFFA, Lucia Maria Martins (org. *et al.*) *(Re)invenção pedagógica? Reflexões acerca do uso de tecnologias digitais na educação*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2012. Disponível em: <<http://livrariaedipucrs.pucrs.br/>>. Acesso em: 09 de Maio de 2012.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.
- KENSKI, Vani Moreira. Novas tecnologias, o rendimento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente. *Informática educativa*, vol 12, n. 1, 1999. pp 35-52.
- KREUTZ, Lúcio. Etnia e educação: perspectivas para uma análise histórica. In: SOUZA, Cynthia Pereira & CATANI, Denice Barbara (orgs) *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras editora, 1998.
- LUIS, Leonardo. As origens do universo digital. *Revista Galileu*. Entrevista de George Dyson. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com>>. Acesso em: 20 de Julho de 2012.
- MARÍN, José. Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre saber local e saber universal, no contexto da globalização. *Visão Global*, Joçaba, v. 12, n. 2, p. 127-154, jul/dez. 2009.
- MOORE, Michael; Kearsley, Greg. *Educação à distância: uma visão integrada*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre. Sulina. 2009. (Coleção Cibercultura). Disponível em: <<http://ebooksgratis.com.br>>. Acesso em: 24 de abril de 2012.
- SOUZA, Albano Goes & LINHARES, Ronaldo Nunes. Entre a teoria e a prática: um olhar sobre as tecnologias da informação e da comunicação (TICs) na formação de professores. *Revista Contrapontos*. vol.12 – n.1 – p.27-36 / jan-abr 2012.
- URQUIZA, Antonio Hilário Aguilera. A educação indígena e a perspectiva da diversidade. *Revista Contrapontos*, vol. 11 – n. 3 – p.336-348/set-dez 2011. Disponível em <<http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/index>> Acesso em 02/03/2012.